

## **A ALIANÇA LIBERAL: ANTROPOFAGIA E POLÍTICA NAS CHARGES DE *O MALHO***

**Aluna: Patrícia Costa Grigório**  
**Orientador: Eunícia Barros Barcelos Fernandes**

### **Introdução**

Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa “*Representações de índios. Repertórios para a nacionalidade na nova ordem republicana (1889-1930)*”. A pesquisa tem se dedicado a analisar as diversas apropriações de imagens de índios nos vários anos de publicação da revista semanal *O Malho* (1902-1930). Nas imagens encontradas, várias são as formas de utilização do elemento indígena, que vão desde a representação da nação e do Estado brasileiro até a apropriação de determinadas práticas culturais, como a antropofagia, a fim de se classificar e qualificar determinadas ações políticas.

### **Objetivos**

O objetivo desta apresentação é estabelecer a relação entre antropofagia e o Partido Aliança Liberal tendo como objeto de reflexão duas charges publicadas pela revista semanal *O Malho* durante a acirrada disputa pela presidência da República no ano de 1929. Nesta eleição, o governo federal, em desacordo com o tradicional pacto oligárquico, lança a candidatura do paulista Julio Prestes, tendo como resposta imediata a formação de uma coligação oposicionista que lança a candidatura de Getulio Vargas.

Relacionar as duas temáticas a partir das charges se torna possível no momento em que os recursos utilizados pelos cartunistas apresentam elementos para além de uma visão acerca do conflito. Estes recursos nos permitem estabelecer uma reflexão sobre a política do período ao mesmo tempo em que expressa uma visão da sociedade brasileira a respeito dos indígenas.

### **Metodologia**

A campanha presidencial de 1929 é reflexo da quebra do pacto oligárquico que vigorou no Brasil durante todo o período da chamada Primeira República. Conhecido como “*Política dos Governadores*” ou “*Política dos Estados*”, este pacto pode ser caracterizado como um instrumento de estabelecimento de uma ordem política após as tensões e conflitos que marcaram os primeiros anos do novo regime republicano instaurado em 1889. Neste período, a relação com os Estados foi marcada pela hierarquização da importância dos mesmos no conjunto da federação. E coube aos Estados maiores e mais importantes a geração de atores políticos e a condução da República, fazendo com que a competitividade na ocupação de cargos na esfera federal fosse baixa e garantindo a maioria na bancada aliada ao governo.

E esta competitividade não passará despercebida aos periódicos publicados na capital da República, onde será tema de artigos, editoriais e charges. Entre estes periódicos está *O Malho*, criado em 1902 e com circulação até 1954, que possuía um perfil de crítica política bastante significativo. Através das charges assinadas por grandes caricaturistas que fizeram parte do seu quadro artístico, a revista retratou os conflitos e divergências políticas da época como no caso da Campanha Civilista de Rui Barbosa em 1909, da Reação Republicana em 1922 e da Revolução de 1930.

E é através do humor que a charge exerce o papel de crítica política, agindo como “*porta voz da sociedade, interpretando a notícia, expressando um ponto de vista, transformando o fato numa consciência sobre ele*”.[1] E se faz necessário considerar que a leitura da charge não é anárquica. A construção e leitura da imagem se fazem através de um compartilhamento de saberes entre artista e leitor, isto é, seus símbolos e signos são possíveis de construção e de interpretação por fazerem parte de um mesmo código cultural.

A partir deste pressuposto, podemos pensar na apropriação da imagem de índios nas duas charges para fazer referência a uma determinada situação política. Nelas, é importante perceber que os personagens não são indígenas e sim, políticos da Aliança Liberal vestidos de índios. Na verdade, a representação de índios e a prática antropofágica são elementos utilizados a fim de descrever e dar função pejorativa às disputas e conflitos internos do partido. O que vemos nestas charges é a produção de personagens fictícios, mas que possuem uma identidade comum com sujeitos reais. A leitura e reconhecimento desta identidade comum se fazem através de um código cultural e de um consenso partilhado a respeito deste sujeito. E “*a charge produz a identidade do sujeito através de uma relação entre ele e um personagem diferente dele, para identificá-los entre si, e assim, ressaltar sua identidade recíproca*”.[2] Sendo assim, as charges não apresentam índios verdadeiros, pois não é sobre eles que as mesmas pretendem falar. Os políticos integrantes da Aliança Liberal são apresentados como índios porque o imaginário a respeito das populações indígenas, associado à barbárie e à incivilidade, permite estabelecer uma chave de interpretação para o leitor da mensagem que o cartunista pretende passar.

### Conclusões

A antropofagia é utilizada nas charges para descrever e se referir a uma situação onde, para os chargistas da revista, os políticos da Aliança Liberal perderam todas as noções básicas de “civilidade” e atacam uns aos outros. As idéias e conceitos a respeito das práticas indígenas como a antropofagia são vistas e utilizadas como uma representação da desordem. As disputas internas e conflitos de interesses dentro da Aliança Liberal são vistos como atos de barbárie e incivilidade. Mesmo que esta representação não seja verdadeira, pois se deve levar em consideração a especificidade dos rituais antropofágicos, é possível uma determinada visão a respeito destes mesmos rituais e dos índios pela sociedade brasileira. Essas percepções servem para qualificar determinados atos e atitudes como no caso da Aliança Liberal. A antropofagia é utilizada nas charges a fim de expressar uma só idéia: selvageria, traição, barbárie e incivilidade.

### Referências

- 1 - BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- 2 - LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Volume I. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.
- 3 - LESSA, Renato. **A invenção republicana. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988.
- 4 - TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. “Charge”. In: *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005, p. 79.

<sup>2</sup> Idem, p. 75.